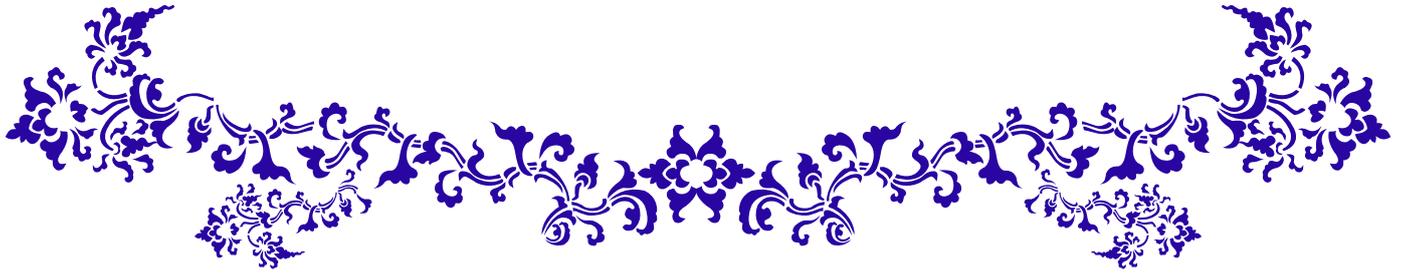




DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Elêusis, Setembro de 2015, nº 196



O mito de Deméter e Perséfone

“Uma filha, jovem e muito amada, é raptada de perto da sua mãe por um poderoso governante, conhecido pelos seus atos malvados. A mãe desesperada sai à procura da filha e descobre que o rapto tinha resultado de um acordo entre o supremo chefe religioso e o raptor, sendo que o primeiro era o pai da jovem e o segundo, seu tio materno. Determinada a buscar justiça, com a revolta e a dor devastando sua vida, a mãe inicia um longo e eficiente protesto contra as autoridades, que resulta na volta da filha, traumatizada, mas viva e forte o suficiente para transmutar a sua dolorosa vivência, aceitar e cuidar do seu filho, concebido na escuridão da sua prisão.”



Por Mirella Faur



Este relato - de um fato comum no nosso cotidiano atual - descreve a trama mítica de uma antiga história grega, que deu origem a um complexo ritualístico pagão, iniciado no segundo milênio a.C. e praticado durante pelo menos 1500 anos, até mesmo após o advento do cristianismo. A mãe descrita no drama era *Deméter*, a deusa dos grãos, cujas dádivas eram essenciais à sobrevivência humana; a filha era a donzela *Kore*, raptada por *Hades*, o Senhor do Mundo subterrâneo e que retornou como *Perséfone*, a "Rainha do Mundo dos Mortos". O drama encenado e consagrado pelos "Mistérios Eleusínios" não representava apenas a felicidade do reencontro e a recuperação de uma mãe e filha após um trauma, mas a visão transcendental da morte e do renascimento, simbolizada pela volta de *Perséfone* do mundo subterrâneo e sua transformação em *Brimo*, "Senhora dos Mistérios", grávida de *Brimos*, o filho da luz concebido na escuridão.

Para os povos antigos este mito era a vívida e real dramatização do conflito e da oposição entre vida e morte e sua conciliação final pela aceitação e transcendência. A Morte aparece como o raptor e violentador da vida, que irrompe de repente das profundezas do mundo escuro e desconhecido, arrancando e levando consigo não apenas velhos e doentes, mas também ceifando vidas jovens e promissoras. A dor e o desespero humano perante as perdas são retratadas no luto e na revolta da Mãe Divina, que segue um caminho longo, difícil e tortuoso, saindo

da raiva, do ódio e desespero para confronto, luta e a busca de uma solução, culminando com a aceitação e a transmutação das forças do caos e da morte pela iniciação nos Seus Mistérios.

O mito das deusas *Deméter* e *Perséfone*, que deu origem aos Mistérios Eleusínios – celebrados por todos aqueles que falavam grego e não tinham cometido nenhum crime – preencheu uma universal e eterna necessidade humana: ultrapassar o terror perante a morte e nutrir a esperança no renascimento. A importância simbólica dos Mistérios foi resumida pelo poeta Homero nesta frase: "*Feliz é aquele que dentre todos os homens vivenciou os Mistérios. Aqueles que não foram iniciados, nem deles participaram, não irão usufruir da mesma sorte quando vão morrer e mergulhar na tenebrosa escuridão*". O poder sagrado dos Mistérios era tanto, que os antigos gregos acreditavam que, sem a sua celebração anual, a vida iria se tornar insuportável e não apenas a Grécia, mas toda a humanidade iria sucumbir.

No início do mito, *Kore*, alegre e despreocupada, estava colhendo flores, quando ficou atraída por uma estranha flor (o narciso), sem saber que ela era consagrada a Zeus e Hades. De repente, Hades apareceu em sua carruagem preta saindo das entranhas da terra e a pegou à força, levando-a para seu reino, a fim de fazê-la sua consorte, sem buscar o consentimento dela ou da mãe. Ninguém ouviu os gritos de *Kore* além de



Hécate, da sua gruta, e de Hélios, que tinha presenciado o rapto. Deméter, desesperada e sem saber o que tinha acontecido com Kore, saiu do Olimpo e iniciou uma busca incessante por ela, auxiliada por Hécate e perguntando a todos sobre seu paradeiro.

Entristecida e furiosa por não achar sua amada filha, Deméter retirou suas dádivas e bênçãos da humanidade, o que levou à aridez da terra, à seca e à fome. Preocupado com a carestia dos humanos, que pararam de fazer seus sacrifícios e oferendas aos deuses, Zeus enviou Helios para convencer Deméter a parar de chorar e se lamentar, aceitar Hades por ser um poderoso e rico genro (além de ser seu irmão), permitir à filha se tornar mulher e não mais mantê-la dependente de si.

Apesar desta intimação, Deméter não aceitou ser coagida; pelo contrário, ficou enraivecida com a convivência de Zeus, pai de Kore, com o rapto, e continuou a busca, mantendo-se firme na sua recusa de devolver a vida à terra. Disfarçada em uma mulher idosa e após uma longa peregrinação, Deméter foi parar na cidade de Elêusis, na corte real, onde, após alguns contratempos, revelou a sua condição divina, ensinou os segredos da agricultura e deu ao povo a dádiva dos grãos, aconselhando a construção de um templo em Sua homenagem, para que nele fossem celebrados os Seus Mistérios.

Zeus acabou cedendo perante a dor de Deméter e as preces dos seres humanos e enviou Hermes para trazer Kore – agora transformada em Perséfone – de volta para a sua mãe. O encontro das duas deusas é o ponto alto do mito, chamado *heuresis*, assinalando o fim do sofrimento, o triunfo de Deméter em resgatar sua filha e a volta da abundância para a terra. Porém, antes de ela partir, Hades deu-lhe (ou a obrigou) para comer algumas sementes de romã, considerada a “fruta dos mortos”, além de ser um símbolo da fertilidade, fato que selou a sua união e a obrigou a voltar anualmente para o mundo subterrâneo, lá passando um terço do ano como consorte de Hades e “Rainha dos Mortos”, os restantes dois terços acompanhando sua mãe no mundo superior, como deusas da vegetação.

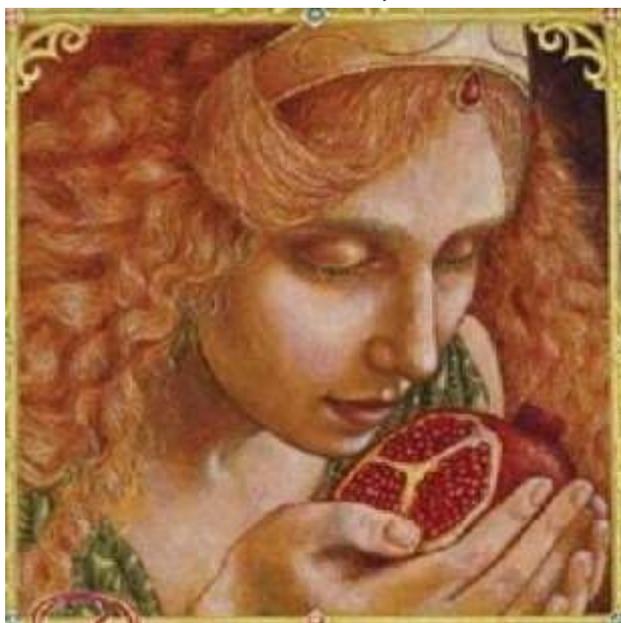
O mito do rapto de

Perséfone e do desespero de Deméter representa o esforço coletivo de uma antiga cultura para enfrentar, mitigar e transcender o medo e o dilema humanos perante a inexorabilidade da morte. Porém, ao mesmo tempo, ele descreve um evento histórico acontecido milhares de anos atrás, que ainda repercute em nossa existência até hoje. O rapto de Kore e o afastamento forçado da sua Mãe Divina retratam a usurpação e assimilação das religiões centradas no culto à Deusa do Sul da Europa antiga, pelas forças patriarcais invasoras, vindo do Norte e Leste europeu, trazendo consigo o poder da espada e os cultos dos deuses guerreiros.

Deméter e Kore pertenciam às milenares tradições nativas matrificais europeias, enquanto Zeus e Hades faziam parte da hierarquia patriarcal posterior às conquistas. Ao longo de alguns milênios, a Nova Religião, com seus deuses dominantes e hierárquicos, se sobrepôs e depois assimilou mitos e símbolos da antiga tradição geocêntrica da Mãe Divina. Em vários mitos esta assimilação foi descrita e representada nas cenas de rapto, estupro, dominação e subordinação das deusas por deuses, que as transformaram em esposas ou amantes submissas ou filhas dóceis servindo aos seus propósitos. Desta maneira, o mito de Deméter e Perséfone pode ser interpretado como um drama descrevendo tensões e oposições históricas, religiosas, sociais e culturais, uma vívida demonstração dos conflitos de valores e conceitos entre o Masculino e o Feminino arquetípico.

O imaginário e a dinâmica deste mito podem ser interpretados por duas perspectivas opostas: pelo prisma da permanência milenar dos valores matriarcais ou como a escalada e o triunfo do patriarcado invasor, estabelecendo uma nova ordem religiosa e social. O ângulo depende dos conceitos, necessidades e compensações psicológicas de quem o interpreta, enfatizando alguns elementos e omitindo outros.

Na visão matriarcal – que é mais fidedigna ao significado original – a ênfase está no poder transformador do Feminino, o ponto central sendo a relação positiva entre mãe e filha e excluindo o elemento masculino, que aparece de forma violenta e usurpadora,





rompendo este elo. A Deusa prevalece neste drama, como Mãe resgata a filha dos braços do invasor e do reino da morte; como Filha ela transforma o usurpador, absorvendo na sua matriz o elemento masculino, gestando, transformando sua energia e dando à luz o filho, com uma nova forma de ser e agir. Neste processo, a transformação de Kore em Perséfone e a presença de Hécate ao lado de Deméter, confirmam a supremacia das faces integradas da Deusa Tríplice como filha, mãe e anciã.

Na visão patriarcal o tema central é a ascensão do poder masculino, que se apropria de elementos e atributos da Deusa e rompe para sempre os elos matrifocais. Deméter é vista como uma figura negativa, neurótica e possessiva, enquanto Hades é o libertador da filha ingênua de uma dependência materna limitante, despertando-a sexualmente (o rapto visto como uma "iniciação"), tornando-a consorte e rainha, e abrindo novos horizontes para a sua atuação.

Assim que a deusa se torna mãe do filho do conquistador, termina a supremacia da Mãe e Filha e é preparado o caminho para o nascimento da Nova Religião, em que se honra por algum tempo a dupla divina Mãe e Filho, substituídos depois pelo domínio do Pai e Filho. Este enfoque explica o predomínio dos comentários e das teorias patriarcais modernos – históricos e psicológicos –, que muitas vezes distorcem ou omitem aspectos do mito original, para validar valores e conceitos que fortalecem as estruturas patriarcais.

O nosso mundo atual enfrenta tanto o medo da morte – no sentido literário ou psicológico – quanto as manifestações nefastas e destrutivas do poder patriarcal. A riqueza mítica e a relevância no nível

psicológico e comportamental não se limitam apenas aos períodos ou culturas que lhes deram origem. Assim como Jung demonstrou nas suas obras, os antigos padrões míticos, os temas e os dramas, bem como os símbolos arquivados no inconsciente coletivo aparecem e se manifestam nos sonhos, fantasias, criações artísticas, histórias das vidas e dos relacionamentos humanos contemporâneos.

Mesmo que a sua origem e significados sejam ocultos ou enigmáticos para a nossa compreensão, eles podem ter um grande impacto emocional sobre nós. Este impacto é a marca sutil de um arquétipo, que atua no nosso campo astral e emocional, influenciando nosso comportamento e forma de agir ou reagir, mesmo que a nossa razão ou conhecimento intelectual não alcancem seu significado. Cada imagem ou padrão arquetípico pode se manifestar de forma sutil (nos sonhos ou emoções) ou no nível racional (na dinâmica dos relacionamentos pessoais ou coletivos). Esta manifestação dualística é importante ao estudar o mito de Deméter e Perséfone, vendo a manifestação dos personagens envolvidos (Deméter, Kore, Perséfone, Hades) como sendo aspectos, *personas* ou sombras de uma mesma mulher; ou interpretar o drama no contexto de uma relação entre duas mulheres (mãe e filha, irmãs, parentes, amigas, parceiras, terapeuta e cliente, mestra e discípula).

No entanto, devemos levar em consideração a visão que os povos antigos tinham sobre os mitos, que eles viam como representações de uma realidade espiritual, compatível com as suas crenças e práticas

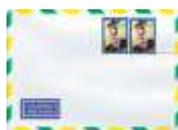
religiosas, os deuses sendo figuras multifacetadas da dimensão espiritual. A deusa Deméter não era apenas uma simples mãe (de uma filha e dos grãos), mas uma deusa tríplice, contendo os aspectos de *Chloe* (a donzela da primavera) e de *Cthonia* (a anciã do mundo subterrâneo), todos associados ao ciclo da vida vegetativa.

Os seus ensinamentos eram os dons que a própria Natureza dava aos homens: como plantar, colher, seguir os ciclos naturais e das estações. A vida física não era oposta ao espírito, as vicissitudes do corpo e da idade respeitadas como reflexos dos processos naturais. Aquilo que acontecia na Natureza também se passava na vida humana. O fim do ciclo de vida de uma planta era o paradigma da morte humana; a semente abrigada na terra escura germinava e brotava, podendo frutificar (assim como Perséfone se tornou mãe), depois definhava e apodrecia. Mas ao se tornar composto, ela enriquecia e revitalizava o solo e desta morte fértil nasciam novas sementes, que germinavam, floresciam e frutificavam, a vida contida no fruto sendo liberada na sua morte. Manifestava-se assim o poder da Anciã, que recicla, sem parar, a morte

para reiniciar e continuar o permanente ciclo da vida.

Ver-se como parte da Natureza, aceitar a dependência humana das Suas forças, participar no eterno ciclo de transformação da vida em morte e novamente em vida, proporcionava aos povos antigos a vibrante e prometedora visão do destino humano. Os mortos eram “plantados” na terra e chamados de “povo de Deméter” (*Demeteroi*), ou cremados para acelerar a transformação, suas cinzas sendo entregues também à terra, para que a sua decomposição e fertilização do solo proporcionasse o desabrochar de uma nova vida. Na Natureza tudo é reciclado e modificado, nada permanece estático ou fixo, a única constante sendo a mudança que é a assinatura da continuidade. Não existe um processo linear, nem um começo ou um fim, nem a eternidade da vida ou da morte, por isso a transformação era a essência e a base das crenças espirituais pagãs.

Para compreendermos de fato a profundidade simbólica e a complexidade do mito grego de Deméter e Perséfone, devemos perceber e aceitar a riqueza e fluidez dos conceitos míticos e a sua atuação em nossa vida, procurando nos sintonizar com os ciclos naturais, aceitando as oposições, mudanças, contrariedades, conflitos e paradoxos que são inerentes à natureza humana.



Posta-restante

por Maria Amaziles



Maria,

Agora seu bordado recebe os últimos pontos, exibindo enfim a imagem esboçada há tempos. São flores de um jardim colhido em sonhos, e cujo significado veio se mostrando delicadamente, enquanto você borda. Foi certamente um trabalho em parceria com o tempo, que assistiu à transformação silente do gesto, da rudeza dos primeiros pontos à leveza da dança das mãos, em íntima cumplicidade com o tecido aninhado em seu colo.

Quantas vezes foi necessário desfazer costuras e substituir a linha que de tão frágil se rompeu! Depois, a imperfeição do tecido provocou sua criatividade e um novo desenho se criou, contornando o desafio e forjando harmonia. Ponto por ponto, o que era beleza idealizada foi se manifestando por intermédio de seu trabalho, sob a tutela da matriarca de severas maneiras e olhar atento.

Assim você deve seguir tecendo sua história, empenhando-se sinceramente no seu aprendizado, que isso é como lançar sementes em solo fértil e antecipar generosas Primaveras. Não lamente o rigor com que o ensinamento é

transmitido a você; antes, empenhe dedicada atenção para acolher as orientações com humildade e prontidão, fazendo valer o tempo investido. Deixe ficar no passado os rompantes de vaidade tola, pois é chegado o tempo de se despir das desnecessidades.

E, ao exibir com alegria o seu bordado completo, esteja grata a cada não-ponto que se tornou um fio de linha descartado. Foi também à custa deles que despontou a beleza de seu trabalho! As entrelinhas desse jardim florido ecoam o tempo árido do tecido sem cores, do esboço que teimava desaparecer, do tropeço em nós inesperados, da procura incessante pela harmonia ideal. Pois assim será quando você renascer, fortalecida pelas lições superadas, exibindo uma beleza luminosa aprendida ponto por ponto, nas costuras de sua vida.

Em bênçãos de nutrição e beleza,

Aquela que é.



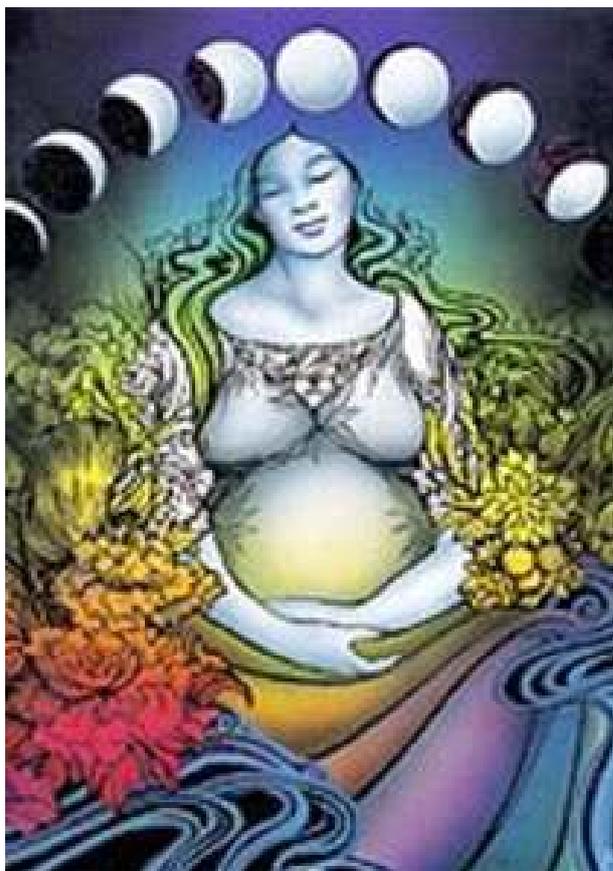


Maternidade, laços femininos e força

Por Léa Beatriz

No início deste mês de setembro, com a divulgação da forte imagem do menino sírio cujo corpo foi encontrado em uma praia da Turquia, todos os corações, principalmente das mães, se aproximaram. Não havia distância, raça ou situação capaz de conter a união desses corações na dor que é a morte de um filho.

Todas unidas nesse sentimento fomos capazes de colaborar para o despertar do mundo para uma visão mais humana, para o cuidado com a vida e para o valor de cada ser humano. Ficou nítida e clara a força que expressamos ao dizer que “a dor de uma mulher é a dor de todas as mulheres”, olha como nossos laços femininos são fortes! Temos uma ligação muito intensa com a Terra e com os ciclos da vida e, por isso, conseguimos perceber, cada vez com mais clareza, que a vida é um propósito divino.



Chamou-me a atenção a sincronicidade desse acontecimento vir à tona neste mês de setembro, mês em que, no hemisfério norte, é celebrado o equinócio de outono, período que marca o início da diminuição da luz e, portanto, o início de uma jornada mais introspectiva, rumo a sua própria sombra. E, neste período, muitas mulheres costumam encenar o mito de Perséfone e Deméter, onde Deméter vivencia a dor da perda de sua filha e o resgate de sua própria força, enquanto Perséfone sai para sua jornada rumo ao submundo se conectando de forma intensa com a sua essência e missão interior.

Além disso, o contato com a morte fortalece a importância da vida, estamos em um planeta que é o único, em um conjunto de tantos outros planetas já estudados até agora, que permite a vida da forma como a conhecemos hoje. Somos abençoadas com chuvas sagradas de água enquanto em outros planetas as chuvas são de ácido ou outros elementos tóxicos. Como podemos quantificar o valor da vida? Precisamos ajudar o mundo a reconhecer a preciosidade que é estarmos vivos. E isso implica em romper um “condicionamento” que temos de ver tudo através do ponto de vista “normótico”, prático e estratégico.

Por que a vida vale a pena?

Perdemos, nesses anos de condicionamento, a identificação e a expressão da nossa essência na vida. E nesses momentos em que nos unimos na força do laço da maternidade, por exemplo, vivenciamos a necessidade do resgate do poder ancestral feminino em que reconhecemos na vida o “milagre” que ela é: o milagre que cada pessoa é, a importância que é o nascimento e a morte de cada ser, a força do abraço e do colo, a necessidade do cuidado, da compaixão, a maravilha da diversidade, a construção dos relacionamentos saudáveis e muitas outras questões que trazem o sentido e a motivação para a vida e para o viver.

É hora de mergulharmos nas nossas sombras e resgatarmos essas forças femininas, para que elas possam ser vistas, sentidas, vivenciadas e valorizadas por todos cada vez mais.

www.seguindoestrelas.org



Próximo Ritual
Plenilúnio: Celebração da Deusa havaiana Haumea
Data: 27 de setembro de 2015, às 20h
Somente para mulheres

Os rituais da Teia de Thea acontecem na UNIPAZ - Brasília/DF
Energia de troca: R\$ 15,00
Não é permitida a entrada após o início do ritual

Expediente Jornal Deusa Viva
Edição e Diagramação:
Cristiane Madeira Ximenes e Stella Matta Machado
Textos: Vera Pinheiro e Maria Amaziles
Imagens da Rede Mundial de Computadores
Informações: www.teiadethea.org
Inês Souza: (61) 8233.7949
deusaviva@teiadethea.org